# Da ciência à arte: a busca (utópica) da verdade

Audemaro Taranto Goulart [1]

**RESUMO**
Este ensaio pretende discutir, filosoficamente, a questão da verdade na dimensão da ciência, aproximando-a também de outros domínios como a religião, a mitologia e a arte, sobretudo na manifestação da literatura. Nestes termos, a reflexão procura mostrar que só se alcança a verdade como utopia revelada de modo transitório e provisório.
**Palavras-chave**: Verdade. Filosofia. Ciência. Religião. Mitologia. Literatura.

**From science to art: in search of (utopian) truth**

**ABSTRACT**
This essay aims at discussing philosophically the question about truth in science, approaching it to religion, mythology and art, mainly in literary expression. In these manners, reflection intends to demonstrate that truth is possible to be reached only as a transitory and temporary utopia.
**KEY WORDS**: Truth. Philosophy. Science. Religion. Mythology. Literature.

Verdade é uma palavra quase mágica. Ela seduz com seu brilho ofuscante e martiriza com a fluidez de seus contornos, marcada no desdenhoso modo com que se esquiva a qualquer tipo de apreensão definitiva.

Se formos ao dicionário, em busca da palavra "verdade", encontramos lá um significante congelado que exibe várias significações: *conformidade com o real; exatidão; realidade; franqueza; sinceridade; coisa verdadeira ou certa; princípio certo; representação fiel de alguma coisa da natureza,* etc. Tais significados não resistem a algumas indagações do tipo: "o que é o real?"; "o que é um princípio certo?"; "é possível haver a representação fiel de alguma coisa?".

Se voltarmos os olhos para os primórdios da filosofia ocidental, vamos ver um outro cenário em que aparece a idéia de verdade quando o filósofo Platão procurou definir o belo. Segundo ele, "o belo é o esplendor da verdade". Tal definição, ao invés de contribuir para esclarecer o tema, complica-o ainda mais porque nela passamos a ter mais um problema. Se estamos com dificuldades para saber o que é a verdade, agora passamos a ter uma nova dificuldade que é saber o que é o belo. E para complicar ainda mais as coisas, diga-se que a esta definição do filósofo grego se

[1] Professor da PUC Minas

opuseram outras dificuldades, como é o caso do raciocínio de que se tudo que é belo é verdadeiro, então, tem-se que a mentira é a própria noção de feiura. No entanto, como dizem os estetas, há mentiras belíssimas, como é o caso de obras literárias cuja essência repousa, justamente, na noção de criação, ou seja, a obra literária, fundando-se na ficção, funda-se, automaticamente, naquilo que é imitação, invenção, ou seja, naquilo que não é a verdade na acepção platônica.

Por tudo que já se disse, é possível chegar-se a uma conclusão: a verdade é algo passageiro, temporário, para não dizer que é algo que não existe. Se, como disse o poeta, "o amor é eterno enquanto dura", pode-se dizer que a verdade dura enquanto não for contestada. A verdade seria, pois, algo provisório. E é o caso de perguntar-se: o que não é provisório neste mundo?

Diante do exposto, quero propor uma reflexão que pode ser verdadeira, talvez enquanto durar a leitura deste texto. E tal reflexão girará em torno da questão do conhecimento. Tudo que existe está marcado pelo princípio do movimento, da descontinuidade e da precariedade. O homem queda-se perplexo diante da sua própria ignorância, da impossibilidade de compreender-se a si mesmo, o que está marcado naquela célebre pergunta: Quem sou eu?

Quer dizer, o homem não se conhece justamente porque não consegue entender a própria provisoriedade, a sua descontinuidade que está marcada na inexorável condição de ele nascer para morrer. Essa contingência está muito bem assinalada nas palavras do filósofo Roland Corbisier que disse: "Em todos os seres finitos, a essência não coincide com a existência, pois tais seres, embora sejam, ou existam, poderiam não ser e, por isso mesmo, são finitos, quer dizer, têm um fim, deixam de existir" (CORBISIER, 1974. p. 59). Essa terrível condição que onera a vida humana – nascer para morrer – é um enigma para o ser humano e é por isso que o homem busca, incansavelmente, conhecer cada vez mais e mais, na esperança de que chegará o dia em que saberá quem ele é, de onde ele vem, o que faz nesta vida e para onde vai. Chegando esse dia, é possível que se possa saber o que é a verdade e se ela pode existir apenas como o outro lado da mentira ou se existirá de forma definitiva, em estado absoluto.

Mas por que se afirma que a verdade é algo também precário? E haveria nessas colocações aquelas "rabugens de pessimismo", de que fala o nosso Machado de Assis?

Começo, então, invocando a figura de Michel Foucault, um filósofo que, para a maioria dos estudiosos, está acima de qualquer suspeita. Segundo ele, a verdade é focalizada segundo duas perspectivas, ou segundo duas histórias.

> A primeira é uma espécie de história interna da verdade, a história de uma verdade que se corrige a partir de seus próprios princípios de regulação: é a história da

> verdade tal como se faz na ou a partir da história das ciências. Por outro lado, parece-me que existem, na sociedade, ou pelo menos, em nossas sociedades, vários outros lugares onde a verdade se forma, onde um certo número de regras de jogo são definidas – regras de jogo a partir das quais vemos nascer certas formas de subjetividade, certos domínios de objeto, certos tipos de saber – e por conseguinte, a partir daí, fazer uma história externa, exterior, da verdade (FOUCAULT, 1996. p. 11).

Essa longa citação do texto de Foucault me parece necessária para que se fixe bem que a história da verdade pode ser vista de acordo com duas posições: a história interna e a história externa da verdade. E aqui me interessa, particularmente, a história interna da verdade porque ela, conforme diz Foucault, focaliza uma "verdade que se corrige a partir de seus próprios princípios de regulação", tal como ocorre com a história das ciências. A partir disso, quero colocar uma questão importante. Como se sabe, desde a imposição da teoria heliocêntrica de Copérnico, a ciência experimentou um desenvolvimento vertiginoso marcado em figuras emblemáticas como Tycho Brahe, Johannes Kepler, Galileu, até chegar a um ponto culminante que foi a Mecânica de Newton. A partir de então, passou-se a ter a convicção de que a ciência era infalível, uma vez que as Leis de Newton diziam que se soubermos num instante de tempo onde os corpos se encontram, como se movimentam e quais as forças que atuam sobre eles, o seu futuro está previsto. Ou seja, tem-se aí a certeza como uma crença que nasce com a possibilidade de se prever o que vai acontecer, bastando, para tanto, utilizarem-se os mecanismos da Física clássica. Em outras palavras, aí se encontraria não apenas uma crença, mas a própria verdade.

Pois, exatamente essa suposição de que a verdade pode ser encontrada na ciência é que vai cair por terra. E para dizer, nos dias de hoje, da impossibilidade de exatidão na ciência nem será preciso invocar os princípios da Física Quântica e a noção de indeterminismo que está implícita na sua teoria. Basta atentar para a história interna da verdade, tal como postulou Foucault, para ver-se como nas próprias ciências físicas a verdade é absolutamente provisória.

Tomemos, então, um exemplo simples: a posição dos astros no céu e sua relação com a terra. Imaginem-se os homens primitivos, observando um céu estrelado, com aquela quantidade enorme de pontos luminosos suspensos sobre suas cabeças. É possível imaginar sua preocupação quanto à possibilidade de que, de repente, uma chuva de estrelas despencasse sobre eles. É evidente que, para aplacar esses receios, logo teriam surgido explicações míticas, dando conta do inimaginável poderio dos deuses e da sua vontade de manter as coisas sempre naquele estado,

razão por que o culto às divindades sempre foi uma espécie de contrapartida à proteção que elas davam aos homens.

Mas as explicações míticas foram, paulatinamente, cedendo lugar à supremacia da ciência e se refizermos, ainda que ligeiramente, o seu percurso, em busca da sua história interna, vamos encontrar, como um dos pontos de partida, a Física de Aristóteles e a sua teoria do lugar natural. Assim, o mundo todo, incluindo o mundo celeste, ocuparia um lugar que lhe fora naturalmente estabelecido. É por esse motivo que existe uma ordem natural na relação articulada entre os quatro elementos básicos: a terra, a água, o ar e o fogo. Segundo o físico Fernando Paixão (1998), da Unicamp, considerando-se a Física de Aristóteles, essa ordem seria: a terra, em primeiro lugar, seguida da água, do ar e, por último, do fogo, o que explicaria o fenômeno de uma água na chaleira, ao ferver, subir. De acordo com Paixão, tal teoria também serve para explicar um outro fenômeno: o fato de que, mesmo sendo o planeta Terra redondo, e estando nós sobre ele, não caímos porque existe um lugar natural para tudo.

Essa "verdade científica" revelou-se inteiramente provisória quando Ptolomeu, astrônomo e geógrafo egípcio, substituiu o modelo de Aristóteles, introduzindo os chamados epiciclos, movimentos que os planetas descrevem, em círculos menores, movendo-se sobre outros ciclos maiores, centrados na Terra. Foi por isso que Ptolomeu inventou a chamada abóbada de cristal, uma grande armadura que segurava os astros, o que se reforçava com a observação, pois, basta olhar o céu à noite para ver-se como as estrelas se movimentam todas juntas, como se estivessem coladas numa grande abóbada.

Também essa verdade vai ceder lugar quando o astrônomo dinamarquês, Tycho Brahe, consegue realizar medidas muito mais precisas referentes à posição dos planetas em relação ao sol, avanço que vai permitir ao matemático e astrônomo alemão, Johannes Kepler, estabelecer leis indicadoras de que o movimento dos planetas, em relação ao sol, realizava-se em órbitas elípticas. É nessa sequência que surge o astrônomo, matemático, físico e filósofo Galileu Galilei que vai desenvolver a luneta, um aparelho que revolucionou a pesquisa astronômica, descobrindo as manchas solares, as quatro primeiras luas de Júpiter e o turbilhão de estrelas que compõem a Via Láctea.

Com o auxílio de Fernando Paixão (1998), pode-se perceber como tudo isso propicia o aparecimento da Física de Newton, substituindo uma antiga verdade. O cientista inglês mostra que o movimento de queda não se dá, unicamente, como o de um corpo que se projeta rumo ao solo.

Esclarecendo o movimento de órbita dos planetas, Newton mostrou que há outros movimentos de queda como o da Lua que sempre cai em direção à terra mas o resultado dessa queda é uma órbita quase circular.

Por muitos anos, a Mecânica de Newton estabeleceu-se como uma verdade incontestável, como disse há pouco, mas essa verdade vai ser posta em xeque com o surgimento da Física Quântica e o sentido de indeterminação que ela traz na sua teoria. Com ela, abandonou-se a Física de Newton e isso significa que se abandona também a noção de previsibilidade pela de probabilidade. E nesse confronto entre previsibilidade e probabilidade, vai-se perceber que a noção de prever muda radicalmente. Assim, diante da pergunta "o que vai acontecer?", passa-se a ter como resposta o princípio da **probabilidade** e não mais o da **previsibilidade**, tal como acontecia com a Física clássica. O que isso significa? – Significa que o princípio da incerteza passa a girar a roda da ciência e o postulado de que ela abrigava uma verdade que não tinha falhas passa a fazer parte da história.

Aqui, finalmente, chego ao ponto crucial em que me disponho a pôr definitivamente em questão a idéia da verdade. E continuo, ainda e por enquanto, no universo das ciências físicas, agora me valendo dos ensinamentos do físico João Steiner, da USP. Segundo ele, na década de 1920, o astrônomo norte-americano Edwin Hubble realizou estudos para explicar a "relação entre a distância de uma galáxia e a velocidade com que ela se aproxima e se afasta de nós" (STEINER, 1987, p. 238). Hubble concluiu com uma afirmação que acabou se tornando a lei de Hubble, enunciando que quanto maior a distância, com mais velocidade as galáxias se afastam de nós. Antes de concluir sua explicação sobre a lei de Hubble, Stein faz uma brincadeira, dizendo:

> Num primeiro momento, poderíamos pensar que, afinal, estamos no centro do universo, um lugar privilegiado. Todas as galáxias sabem que estamos aqui e por alguma razão fogem de nós" STEINER, 1987, p. 239).

Mas o próprio cientista afirma que, desde Copérnico, e, principalmente, hoje, ninguém mais acredita que o homem seja o centro do universo. É quando, então, Stein oferece a explicação científica, ilustrando-a com um exemplo muito didático. Bastaria, pois, tomar um balão, desses que se encontram nas festas de aniversário, e desenhar nele alguns pequenos pontos. O balão seria o universo e os desenhos seriam as galáxias existentes nele. Logo em seguida, é só pedir que alguém sopre o balão para enchê-lo.. O que vai acontecer? Acontecerá que os pontos próximos do bico do balão vão afastar-se lentamente, enquanto que os pontos mais distantes vão se afastar com muito

maior velocidade. É isso, exatamente, que acontece com as galáxias que se aproximam e se distanciam de nós: as mais próximas vêm e voltam menos rapidamente do que as mais distantes que se movimentam numa velocidade muito maior, conforme diz a lei de Hubble. E o que essa lei mostra? – Mostra, como se pode perceber pelo exemplo didático do balão, que o nosso universo está em expansão, ou seja, experimenta um movimento que certamente teve início com o *Big Bang*, a explosão que se originou de um átomo primordial. Segundo os cientistas, isso teria ocorrido há mais ou menos 13,7 bilhões de anos.

Bem, o que importa observar em tudo isso é o fato de que o universo está em expansão. Isso significa que todos vivemos, desde sempre, e que estamos vivendo, para sempre, em um movimento que não pode ser detido. E veja-se que isso foi intuído há muito tempo, tal como se pode constatar com as colocações de Heráclito de Éfeso, um filósofo pré-socrático que viveu por volta do ano 500 a.C. Segundo Heráclito, todas as coisas estão em movimento, tal como se pode ver nos seguintes fragmentos da sua doutrina:

> Para os que entram nos mesmos rios, correm outras e novas águas" (frag. 12). "Descemos e não descemos nos mesmos rios; somos e não somos" (frag. $49_{a.}$). "Em nós, manifesta-se sempre uma e a mesma coisa: vida e morte, vigília e sono, juventude e velhice. Pois a mudança de um dá o outro e reciprocamente (HERÁCLITO (1977. p.36-41).

Diante de tudo isso, a conclusão óbvia é de que o movimento, força dinâmica do universo, produz mudanças e alterações que impossibilitam a existência de algo fixo, imutável e definitivo. Logo, a idéia de verdade como um princípio absoluto é inteiramente inviável em qualquer ciência, em qualquer setor, em qualquer atividade humana. E se as coisas são assim, só nos resta conviver com a precariedade de tudo, inclusive, de nossas vidas, exemplo mais significativo de nossa transitoriedade e de nossa finitude. Como consolo, lidamos com a idéia de verdades relativas, contingentes e provisórias. Tais verdades operam-se, fundamentalmente, através de quatro mecanismos: das ciências, dos mitos, dos credos religiosos e da arte. São esses mecanismos que nos ajudam a viver, aplacando, também provisoriamente, a angústia existencial com que o não-saber nos fragiliza. Cada um deles, a seu modo, nos dá uma sensação de verdade, que pode ser assim sumariada:

A ciência nos seduz com a demonstração de que caminha para promover a nossa redenção, acenando-nos com a possibilidade do prolongamento, cada vez maior, de nossas vidas, numa espécie de evolução que tem como meta encontrar a eternidade.

O mito, uma narrativa de tempos imemoriais, manifesta-se numa formulação discursiva que tem como objetivo oferecer-se como uma forma que organiza o caos. Nesse sentido, ele sempre funcionará como um mecanismo que alivia as tensões justamente porque desvia o fluxo de uma irrupção incontrolável, minimizando seus efeitos e tornando as tensões angustiantes mais fáceis de serem aceitas.

Os credos religiosos procuram estabilizar as emoções, mostrando que a provisoriedade de nossa vida nada mais é que um momento de passagem para uma vida eterna redentora.

A arte trabalha no sentido de tomar os elementos em desequilíbrio nas relações conflitantes, para articulá-los de forma a mostrar que novos caminhos e novas experiências se oferecem para a busca do equilíbrio.

E para finalizar, tomo a arte para exemplificar o que venho dizendo até aqui, mesmo porque a arte será, dentre os mecanismos citados, aquele que se liga mais essencialmente às ciências humanas. A "verdade" da arte se inscreve na dimensão da estética, ou seja, a arte trata, fundamentalmente, do que é agradável ao sujeito. E para que se possa compreender melhor essa formulação, é preciso, de início, afastar aquela concepção de estética que se circunscreve apenas à idéia do belo. É claro que o belo é uma dimensão clara da estética mas seria necessário dizer que ele é o termo de um percurso, um fim que se alcança na conclusão de uma trajetória. Como ensina Kant, em sua **Crítica do juízo** (KANT, 2002. 64), o belo dá-se naquele momento em que se encontra um objeto cuja forma desperta em nós um prazer desinteressado, gratuito, que produz a sensação de harmonia entre a natureza e a nossa mente. Quer dizer, alcançar o belo é cumprir uma caminhada que se inicia com a busca de uma harmonização entre o sujeito e a natureza em que ele se situa. E é justamente essa harmonia que possibilita ao sujeito aliviar suas tensões e enxergar novos caminhos para sua caminhada.

Para que isso possa ser exemplificado, sugiro aos que me leem alguns caminhos. Visitem um museu e se deleitem com as peças que lá estão. Quando nada, tomem um livro de arte e busquem nele, por exemplo, uma reprodução do quadro *Guernica*, de Picasso. Lá, se verá como é possível ao sujeito resistir aos terríveis instintos destruidores do homem, quando o pintor denuncia as mortes que estavam dizimando a Espanha na guerra civil de 1936 a 1939. Outra sugestão é entregar-se ao devaneio, ouvindo uma boa música. Aí, se poderá observar que devanear é, na verdade, mergulhar nos próprios escaninhos da alma, ou seja, é alcançar as prazerosas formas inarticuladas do inconsciente. E a boa música é algo propício para fazer isso. E se quiserem uma sugestão de um

professor de literatura, busquem algumas obras dos dois maiores escritores brasileiros: Machado de Assis e Guimarães Rosa. Leiam, por exemplo, o *Dom Casmurro*, sem dúvida alguma o livro mais discutido e comentado da literatura brasileira, ou, então, o *Grande sertão: veredas* que é, na minha opinião, o melhor livro do mundo.

Buscando, pois, a arte, pode-se encontrar, talvez, não a verdade, mas uma manifestação verdadeira: a de que o homem sabe que sua efetiva possibilidade de vir a conhecer-se é continuar buscando a si mesmo.

**REFERÊNCIAS**

CORBISIER, Roland. Enciclopédia filosófica. Petrópolis: Vozes, 1974.

FOUCAULT, Michel. A verdade e as formas jurídicas. Rio de Janeiro: Nau Editora, 1996.

HERÁCLITO (de Éfeso), Fragmentos. In: BORNHEIM, Gerd (org.), Os filósofos pré-socráticos. São Paulo: Editora Cultrix, 1977.

KANT, Immanuel. Crítica da faculdade do juízo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

PAIXÃO, Fernando. Para compreender a modernidade: Caos e indeterminação, os conceitos que vieram da Física. Conferência feita no VIII Encontro da ANPOLL – Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Lingüística, UNICAMP, 1998.

STEINER, João E. A origem do universo. In: Estudos Avançados / Universidade de São Paulo, v. 1, n. 1, São Paulo, IEA, 1987.